

SOBRE AS VOGAIS PRETÔNICAS <e> E <o> EM *PB* E EM *PE*

SERGIO DRUMMOND MADUREIRA CARVALHO¹

1. INTRODUÇÃO²

A flutuação na pronúncia das vogais médias em Português, não apenas em contexto pretônico, é matéria que, há muito, vem chamando a atenção dos estudiosos da língua, encontrando-se registros sobre o tema já no século XVI.

No século XX, podem ser citados autores que se ocuparam do fenômeno, ora observando a Língua Portuguesa como um todo, ora focalizando o sistema de PB e/ou o de PE. São eles, entre outros, Camara Jr. (1977), Bisol (1981), Matheus; Andrade (2000), Teyssier (1997).

¹ A Profa. Dra. Silvia Figueiredo Brandão acompanhou-me desde a Iniciação Científica até o Doutorado. Portanto, só tenho a agradecer a esta notável orientadora, que não mede esforços para alavancar o sucesso de seus orientandos. Obrigado, Silvia, por ser presença marcante e imprescindível em minha formação. Que o grande poeta me ajude a homenageá-la: “E aqueles que por obras valerosas / Se vão da lei da morte libertando: / Cantando espalharei por toda a parte, / Se a tanto me ajudar o engenho e arte.” *Luís de Camões*.

² Este artigo aborda, de forma sintética, o tema de minha Tese, defendida em março de 2010.

O sistema das vogais em PB difere do quadro do PE nas posições átonas, sobretudo quanto às médias pretônicas, que, diferentemente do que ocorre no PE, mantêm pleno vigor em PB. O sistema pretônico do PB e do PE é talvez um dos traços que mais diferenciam as duas variedades, conforme ressalta Teyssier (1997, p. 101):

(...) o brasileiro ignora totalmente, em qualquer posição, a vogal central [ɛ], tão característica do português europeu (...). O conservadorismo do português do Brasil, no que se refere às vogais átonas, é, pois, um dos pontos que mais o distinguem hoje do português europeu.

Enquanto no Brasil, ao que tudo indica, mantém-se majoritariamente o vocalismo que havia em PE até o século XVIII, a partir dessa data, há uma mudança radical na variedade europeia que tornou os dois sistemas bastante diferenciados, segundo Castro (1991, p. 258). O que existe de novo na mudança ocorrida em PE é que a elevação ocorrida no século XVIII ocorre independentemente do contexto sintagmático, configurando-se já como uma mudança paradigmática, fonológica (não condicionada).

Deste modo, verifica-se que, enquanto em PB se observa, mormente, um processo de natureza variável, o alteamento, ao que tudo indica, estável tanto no âmbito de <e> quanto no âmbito de <o>; no PE, a elevação³ de <o> e a elevação e centralização de <e> são uma realidade inquestionável, já com *status* fonológico. Além disso, observa-se nitidamente um processo de apagamento com relação a essas vogais.

O que se pretende destacar neste trabalho é o caráter variável que se mostra em ambas as variedades, observando-se os condicionamentos que o determinam. Nesse sentido, a análise de <e> e <o> em contexto pretônico que se irá desenvolver tem, fundamentalmente, por objetivo, determinar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam 1) o alteamento das vogais médias em PB; 2) o apagamento no PE.

Apesar de serem dois fenômenos distintos, alteamento e apagamento, podem ser vistos como dois estágios diferentes de um mesmo processo: de modo geral, a redução do quadro vocálico em posições fracas, de modo específico, a redução do quadro das vogais médias pretônicas. Em vista disso, dado os estágios diferentes em que se encontram PB e PE, tem-se como hipótese inicial que

³ Usou-se aqui o termo elevação, pois se considera o fenômeno de um ponto de vista generalizante, que vai além de motivações puramente fonéticas, ao passo que o termo alteamento fica mais restrito a alterações de caráter assimilatório.

o PE tenderia a confirmar as mudanças ocorridas no séc. XVIII e, ainda, com possibilidade de evolução, evolução essa representada pela desenvoltura que o fenômeno do cancelamento vem demonstrando em seu sistema. Em contrapartida, PB tenderia a comportar-se em direção oposta, ou seja, revela a tendência natural da língua de redução do quadro vocálico átono, porém, realizaria tal tendência apenas em contextos mais proeminentes, como o da harmonização vocálica, tendendo a “evoluir” no sentido da conservação, ou seja, reduzindo seus casos de elevação das médias ao longo do período de duas décadas (década de 1970 e década de 1990).

2. BREVE HISTÓRICO

No *continuum* evolutivo do Galego-Português para o Português clássico, observa-se que hiatos começaram a desfazer-se e, com relação às vogais, muitos deles resultaram, em análise sucinta, na formação de ditongos ou na monotongação. Uma consequência deste último fenômeno foi a consolidação de três vogais pretônicas abertas /a/, /ɛ/ e /ɔ/ (TEYSSIER, 1997, p. 51) no Português clássico.

Portanto, é no Português clássico que as vogais pretônicas se firmam no sistema fonológico com um quadro diversificado, idêntico ao tônico, por volta de 1500, conforme se observa na figura a seguir:

/i/	/u/
/e/	/o/
	/ɐ/
/ɛ/	/ɔ/
	/a/

Figura 1 Vogais pretônicas no Português clássico, segundo Teyssier (1997: 51).

Esse teria sido o sistema pretônico que chegou ao Brasil, em 1500. Tal sistema continuou evoluindo ao longo da história da língua, mudando e variando no tempo e também no espaço.

Nos dias atuais, o sistema vocálico do Português mostra confluência na posição forte e difere nas posições fracas: em contexto tônico, a variedade brasileira e a europeia têm em comum sete vogais⁴, mas, em contexto pretônico, já se revela a diferenciação evolutiva entre elas. No PB, em que as médias são produtivas, o sistema reduz-se a cinco vogais, enquanto, no PE, eliminado o teor opositivo das

⁴ Alguns estudiosos, como Teyssier (1997, p. 77), atribuem oito tônicas ao PE atual, pela oposição existente entre as vogais centrais baixas fechada e aberta em paradigma verbal.

médias, funcionam apenas quatro vogais, três altas (anterior, central e posterior) e a baixa (MATHEUS; ANDRADE, 2000, p. 18).

Na fala cotidiana, é comum ocorrer *flutuação* na pronúncia das pretônicas. Tal fenômeno permite, no âmbito tanto de <e> quanto de <o>, diversas realizações, como em p[e]pino x p[i]pino (harmonização vocálica), em PB, e l[e]gar / l[i]gar (em PE). Tal variabilidade configura-se como um dos pontos que confere relevância ao estudo das pretônicas.

2.1. Português do Brasil

Camara Junior (1977, p. 59) determina o quadro de sete vogais tônicas, observando a existência de neutralizações nas posições átonas. Das átonas, considera as pretônicas as menos fracas em relação à tonicidade, observando o desaparecimento das oposições entre as médias /ɛ/ e /e/ e entre /ɔ/ e /o/, o que resulta, segundo sua visão estruturalista, nos arquifonemas /E/ e /O/ e na redução da série a cinco vogais, conforme se ilustra a seguir.

altas	/i/		/u/
médias		/E/	/O/
baixa		/a/	
	anteriores	central	posteriores

Figura 2 O sistema de pretônicas no PB, segundo Camara Jr. (1977).

Percebe-se, assim, que, no Brasil (Camara Junior, 1977), cinco séculos pouco alteraram o sistema herdado na época da colonização, pois, apesar de se ter passado de oito para cinco vogais, mantiveram-se os três níveis de altura: altas, médias e baixa. Além disso, as quatro realizações de médias pretônicas, [e, ɛ, o, ɔ], apresentam razoável produtividade na pronúncia brasileira, servindo, inclusive, de elemento diferenciador de subfalares.

2.2. Português Europeu

Para descrever o sistema das pretônicas no PE, optou-se pela interpretação de Mateus; Andrade (2000), tendo por base o padrão culto de Lisboa. Ao descreverem as vogais acentuadas, observam que, diferentemente do que ocorre em PB, no PE, além das vogais [i, e, ɛ, a, ɔ, o, u], encontra-se, ainda, nessa posição, o [ɐ], cujo contraste com [a] “*seria apenas aparente, uma vez que [ɐ] tônico é uma re-*

alízação alternativa de outras vogais tônicas em determinados contextos” (p. 19), a seguir discriminados:

- (a) antes de consoante palatal (t[ɐ]lha – <telha>; f[ɐ]cho – <fecho>; cer[ɐ]ja – <cereja>;
- (b) antes de glide palatal (l[ɐ]i – <lei>;
- (c) antes de consoante nasal (c[ɐ]ma; c[ɐ]na; m[ɐ]nha).

Assim, vocábulos derivados de bases com [ɐ] tônico, na posição pretônica, apresentariam [i] (t[ɐ]lha → t[i]lhado; l[ɐ]i → l[i]gal), vogal que também ocorreria nos derivados de formas com [e] e [ɛ] tônicos (s[e]lo / s[ɛ]lo → s[i]lar) e que, na fala coloquial, poderia ser apagado – [slár]⁵.

Da mesma forma, os vocábulos derivados de bases com [o] e [ɔ] tônicos, na pretônica teriam [u], (f[o]rça / f[ɔ]rça → f[u]rçar), o que eliminaria o contraste entre <morar> e <murar>, por exemplo, uma vez que, segundo os autores, as tônicas [i] e [u] (s[u]bo, v[i]vo) não alternariam com outras vogais em contexto não acentuado (respectivamente, s[u]bir, v[i]ver).

Em síntese, na posição pretônica, em PE, haveria dois graus de abertura: três vogais altas – [i, i, u] – e uma vogal média [ɐ], que alterna com [a] tônico (p[a]go → p[ɐ]gar).

a) Série das anteriores

Percebe-se que, na série das anteriores, anulou-se a oposição entre as médias [e, ɛ], havendo redução do quadro em favor de uma vogal alta, central e fechada, [i]. Sendo assim, a oposição que antes se fazia entre as vogais [e, ɛ] e [i], faz-se agora entre [i] e [i], fato que distancia o PE atual do Português clássico.

b) Série das posteriores

Já na série das médias posteriores, o fenômeno da redução agiu de maneira mais profunda. A perda de oposição entre as posteriores médias [ɔ, o] deu-se completamente na direção da vogal alta [u], resultando assim na neutralização entre as médias e a alta, e ficando a série representada somente pela vogal [u], fato que distancia ainda mais a caracterização do PE atual do Português clássico, no tocante ao vocalismo.

A figura a seguir serve como exemplificação do *status* atual das vogais pretônicas em PE:

⁵ Utiliza-se, aqui, a forma de indicação da sílaba acentuada utilizada por Mateus; Andrade (2000).

Pretônicas em PE, segundo Mateus; Andrade (2000)		
[i] mirar	[i] pegar [pi gár]	[u] murar/morar
	/e/ pagar [pɛ gár]	

Figura 3 Pretônicas em PE, segundo Mateus; Andrade (2000).

3. METODOLOGIA

A análise dos dados será desenvolvida com base na Sociolinguística Variacionista Laboviana. As amostras de fala foram retiradas do *site* do projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português (VARPORT)⁶ e correspondem a gravações (entrevistas do tipo DID) com duração média de cinco minutos cada (conteúdo em torno de 700 palavras). De acordo com o tempo de gravação, cada entrevista rendeu, em média, um valor aproximado de 60 ocorrências.

A testagem comporta 48 falantes: 24 representativos do PB (12 homens e 12 mulheres) e 24 do PE (12 homens e 12 mulheres), distribuídos por três faixas etárias (1- de 18 a 35 anos, 2 – de 36 a 55 anos e 3 – de 56 em diante) e por dois períodos diferentes: décadas de 1970 e 1990 do século XX. Todos são representantes da variedade culta (nível de 3º grau). Os brasileiros são naturais (e residentes) da cidade do Rio de Janeiro e os portugueses, naturais (e residentes) de Lisboa ou localidades próximas.

Com base em observação minuciosa dos dados e em outros estudos sobre o tema, resolveu-se não levar em conta para a análise as vogais que se encontram em hiatos e ditongos.

O *corpus* do Português do Brasil conta com 1613 dados (775 da década de 1970 e 838 da década de 1990) de vogais pretônicas anteriores e posteriores. O *corpus* do Português europeu conta com 1912 dados (964 da década de 1970 e 948 da década de 1990) de vogais pretônicas anteriores e posteriores.

3.1. Descrição das variáveis

(a) Variável dependente

A variável dependente ficou diferentemente configurada em cada uma das variedades, conforme se define a seguir:⁷

⁶ <http://www.lettras.ufrj.br/varport/>.

⁷ A exemplificação obedece à seguinte norma: PE=Português Europeu, PB=Português do Brasil; 70 = década de 1970, 90 = década de 1990; H = homem, M = mulher, 1, 2, 3 = respectivamente, faixas etárias 1, 2 e 3.

- (i) No PB: vogal <e>, vogal <o>. A análise terá como valor de aplicação o alteamento.
- (ii) No PE: vogal <e>, vogal <o>. A análise terá como valor de aplicação o cancelamento.

(b) Variáveis independentes

Conforme já registrado em Weinreich, Labov; Herzog (2006 [1968]), como em outros trabalhos sociolinguísticos, o estudo conjunto dos fatores estruturais da língua – linguísticos – e dos fatores sociais – extralinguísticos – faz-se mister em um trabalho que investiga a variação.

Para este estudo, definiram-se nove variáveis, sendo sete para o estudo de ambos os *corpora* – cinco de natureza linguística (*contexto antecedente, contexto subsequente, nasalidade, classe de palavras e natureza e tonicidade da vogal da sílaba subsequente*) e duas de natureza extralinguística (*faixa etária e gênero*) – e duas de natureza estrutural para a observação de características peculiares ao PE: *estrutura da sílaba em que ocorrem <e> e <o> e posição da sílaba no vocábulo*.

Como principais hipóteses, acredita-se que, no PB, os mais jovens estejam tendendo a mostrar retração no uso das variantes alteadas e, em PE, inversamente, os mais jovens estejam apresentando tendência a cancelar a vogal.

A pesquisa conta com o auxílio do pacote computacional de programas VARBRUL (PINTZUCK, 1988), especializado para a análise estatística das variáveis linguísticas.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente, será realizada a análise de <e> e, em seguida, a de <o>, observando-se, em conjunto, as décadas de 1970 e 1990, em cada variedade. Cabe lembrar que se objetiva determinar os fatores que condicionam (a) o alteamento no Português do Brasil e o (b) cancelamento no Português Europeu. Para este artigo, selecionaram-se os principais fatores, priorizando-se o que há de comum entre as diferentes décadas.

4.1. O alteamento das pretônicas no Português do Brasil

4.1.1 A vogal <e>

A) No corpus 1970

No quadro a seguir, expõem-se os resultados obtidos na rodada mais significativa em que se confrontaram as variantes [i] e [e], e que teve como valor de aplicação o alteamento.

Quadro 1 Índices relativos ao alteamento de <e> no *corpus* de PB da década de 1970.

ALTEAMENTO DA VOGAL ANTERIOR / PB 1970					
GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS	ORDEM DE SELEÇÃO	OCORRÊNCIAS		INPUT	SIGNIFIC.
		NÚMERO	%		
Contexto antecedente	1°	113/439	26	.16	.013
Altura da vogal da sílaba subsequente	2°				
Contexto subsequente	3°				
Faixa etária	4°				

B) No corpus 1990

Na década de 1990, percebe-se praticamente a manutenção tanto da frequência de 70 (25%/26%) quanto da ordem de importância dos grupos de fatores selecionados (cf. Quadro 2, a seguir), à exceção do quarto, que, em 70, é de natureza social e em 90, de natureza linguística.

Quadro 2 Índices relativos ao alteamento de <e> no *corpus* de PB da década de 1990.

ALTEAMENTO DA VOGAL ANTERIOR / PB 1990					
GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS	ORDEM DE SELEÇÃO	OCORRÊNCIAS		INPUT	SIGNIFIC.
		NÚMERO	%		
Contexto antecedente	1°	114/448	25	.13	.000
Altura da vogal da sílaba subsequente	2°				
Contexto subsequente	3°				
Classe de palavras	4°				

A variável *contexto antecedente*, tanto em 1970, quanto em 1990, revela o contexto *ataque vazio* como o que mais favoreceu o alteamento da média anterior (p. r. .91 e .92, respectivamente), em palavras como *enorme* e *esportes*. As alveolares sibilantes também se mostram bastante influentes (respectivamente, p. r. .58, em 1970 e .73, em 1990), em palavras como: *desespero*, *insegurança*.

Em ambas as décadas, a presença do traço [+ alto] na vogal da sílaba subsequente configura-se como fator atuante, com índices bastante expressivos (p. r. .78, na década de 1970, e .72, na de 1990), em itens como: *parecido*, *insegurança*.

A variável contexto subsequente também se mostrou atuante para o alteamento das anteriores nas duas décadas observadas; as fricativas palatais em *coda* mostraram-se como o contexto mais atuante (*estáveis*, *vestir*), com p. r. em torno de .85. Neste caso, por assimilação regressiva. As palatais em ataque destacam-se também para ambas as décadas (*mexido*, *senhora*), com p. r. em torno de .70.

Já *classe de palavras*, selecionada pelo programa computacional apenas para a década de 1990, apresentou, tanto em 1970, quanto em 1990, a classe dos nomes (substantivos e adjetivos) como menos suscetível à incidência de alteamento de <e>, com *input* .36, do que a classe dos não nomes (demais classes de palavras), que mostrou *input* .67.

Faixa etária destacou-se apenas na década de 1970. O cruzamento com a variável Gênero, mostrou que os homens mais jovens encabeçavam a tendência ao alteamento de <e> na referida década. A seguir, o gráfico que representa a variável faixa etária:

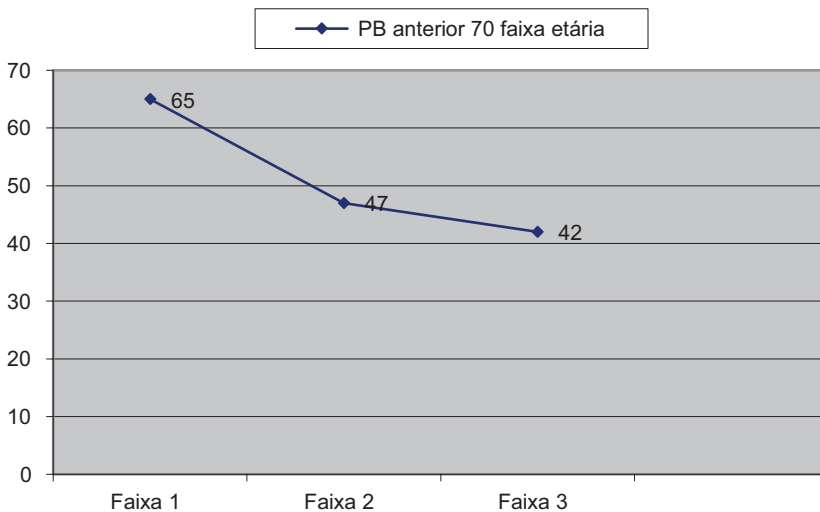


Gráfico 1 Atuação, com base em pesos relativos, da variável *Faixa etária* para o alteamento de <e> no PB 1970.

Duas décadas após, a tendência verificada na fala dos jovens dos anos de 1970 não se confirmou, pois, em 1990, os maiores índices de alteamento de <e> encontram-se na faixa 3, sendo que ainda se nota a preponderância do fenômeno na fala masculina (Gráfico 2).

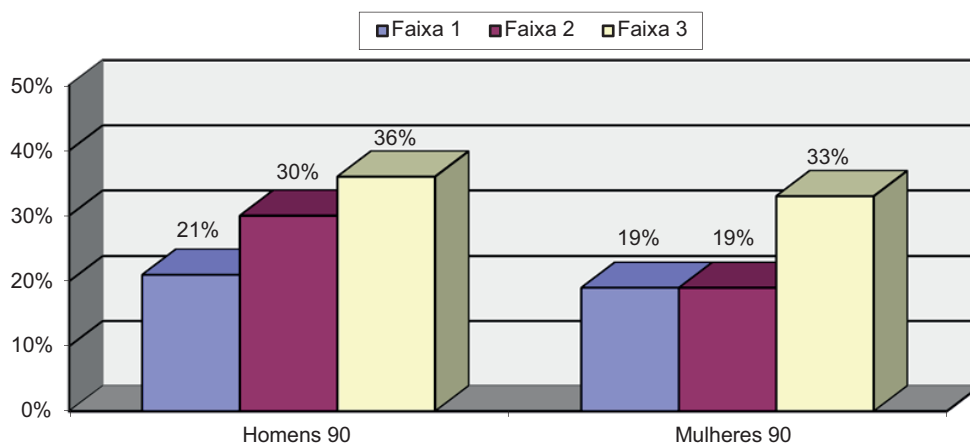


Gráfico 2 Alçamento de <e> segundo Faixa etária e Gênero na década de 1990 em PB.

4.1.2. A vogal <o>

Como se pode observar, respectivamente, nos Quadros 3 e 4, a atuação das variáveis que condicionam o alçamento de <o> revela similaridades nas décadas de 1970 e 1990, sendo que uma delas (*nasalidade*) só foi selecionada em 70 e outra (*faixa etária*), apenas em 90.

Para *faixa etária* (selecionada apenas na década de 1990), o estudo em tempo aparente demonstra, quanto ao alçamento de <o>, tendências que também se percebem para <e>. Vinte anos depois, os jovens tendem a alçar menos que adultos e idosos e a faixa 3 apresentou os maiores índices de aplicação da regra.

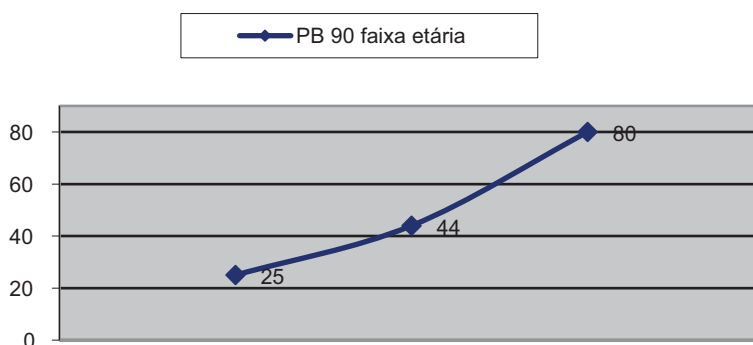


Gráfico 3 Alçamento de <o> com base em pesos relativos, 1990.

A seguir, apresenta-se a análise dos fatores linguísticos e informações sobre a disposição das variáveis mais atuantes.

A) No corpus 1970**Quadro 3** Índices referentes ao alteamento de <o> no *corpus* de PB 1970.

ALTEAMENTO DA VOGAL POSTERIOR / PB 1970					
GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS	ORDEM DE SELEÇÃO	OCORRÊNCIAS		INPUT	SIGNIFIC.
		NÚMERO	%		
Contexto antecedente	1 ^a	95/325	29	.16	.012
Classe de palavras	2 ^a				
Altura da vogal da sílaba subsequente	3 ^a				
Nasalidade	4 ^a				

(B) No corpus 1990**Quadro 4** Índices referentes ao alteamento de <o> no *corpus* do PB 1990.

ALTEAMENTO DA VOGAL POSTERIOR / PB 1990					
GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS	ORDEM DE SELEÇÃO	OCORRÊNCIAS		INPUT	SIGNIFIC.
		NÚMERO	%		
Faixa etária	1 ^o	85/377	23	.09	.000
Classe de palavras	2 ^o				
Contexto antecedente	3 ^o				
Altura da vogal da sílaba subsequente	4 ^o				

Em *contexto antecedente*, as consoantes **velares** (*co*berto, *co*légio), que têm os traços [+ alto, + posterior], foram as que atingiram os pesos relativos mais altos (em torno de .70); em seguida, as **labiais** (*bo*nito, *po*rtuguês), que, por seu ponto de articulação, facilitam a produção das posteriores (que marcam em torno de .60).

A harmonização vocálica, refletida na *altura da vogal da sílaba subsequente*, atua significativamente nas duas décadas. Em relação à *classe de palavras*, a mesma tendência registrada para o alteamento de <e> verifica-se em re-

lação a <o> nas duas décadas: nos não nomes (conjunções, pronomes, advérbios e verbos) o alteamento incide com mais frequência (com p. r. em torno de .60).

O fator *nasalidade*, selecionado pelo VARBRUL apenas na década de 1970 (com p. r. .53), comportou-se como inibidor da elevação de <o> (tendência observada nas duas décadas e também em PE), ocorrendo em palavras como: *conheceram, acontecia*.

4.1. O cancelamento das pretônicas no Português Europeu

4.2.1 A vogal <e>

No corpus 1970

A análise referente à década de 1970 revelou o cancelamento em 13% dos dados, tendo-se mostrado relevantes para a implementação do processo quatro grupos de fatores, dois de natureza social – *gênero* e *faixa etária* – e dois de cunho linguístico – *estrutura da sílaba em que ocorre <e>* e *contexto antecedente*, conforme se verifica no Quadro 5.

Quadro 5 Índices relativos ao cancelamento de <e> no *corpus* de PE da década de 1970.

CANCELAMENTO DA VOGAL ANTERIOR / PE 1970					
GRUPOS SELECIONADOS	ORDEM DE SELEÇÃO	OCORRÊNCIAS		INPUT	SIGNIFIC.
		NÚMERO	%		
Gênero	1°	69/530	13%	.11	.005
Estrutura da sílaba em que ocorre <e>	2°				
Contexto antecedente	3°				
Faixa etária	4°				

No corpus 1990

Na década de 1990 (Quadro 6), houve um significativo aumento no índice de cancelamento (21%), tendo-se mostrado relevantes cinco variáveis, todas de natureza linguística, entre as quais duas das selecionadas para a década de 1970.

Quadro 6 Índices relativos ao cancelamento de <e> no *corpus* de PE da década de 1990.

CANCELAMENTO DE <e> / PE 1990					
GRUPOS SELECIONADOS	ORDEM DE SELEÇÃO	OCORRÊNCIAS		INPUT	SIGNIFIC.
		NÚMERO	%		
Contexto subsequente	1º	121/567	21%	.22	.037
Classe de palavras	2º				
Estrutura da sílaba em que ocorre <e>	3º				
Contexto antecedente	4º				
Posição da sílaba no vocábulo	5º				

As estruturas silábicas que mais se mostraram favorecedoras do cancelamento foram as que contêm palatal em coda ou ataque complexo (p. r. .65) e consoante líquida travando sílaba (p. r. .62), respectivamente nas décadas de 1970 e 1990 (*perceber*, *preferível*, *questão*). Em contexto antecedente, as alveolares não sibilantes (p. r. em torno de .60) e as labiais (p. r. .55) são destaque em ambas as décadas (*apresentação*, *pessoal*).

Quanto à posição da sílaba no vocábulo, as posições 1 (*depois*) e 2 (*necessário*) à esquerda da tônica mostraram-se como as mais proeminentes em relação ao cancelamento de <e>. A variável classe de palavras mostrou-se, ao final da análise, mais relacionada a itens lexicais que revelam ambiente propício para o cancelamento, tanto em contexto antecedente, quanto em contexto subsequente (especialmente, *depois*, *imediatamente*). Nesta última, destacam-se as alveolares sibilantes, com p. r. .72 em 1990 e maior porcentagem – 19% – em 1970 (*desenho*).

Tabela 1 Atuação da variável *Gênero* no cancelamento de <e> no PE 1970 e 1990.

GÊNERO / PE	DÉCADA 1970			DÉCADA 1990		
	OCO.	%	P. R.	OCO.	%	P. R.
Mulher	46/206	22%	.69	66/288	23%	
Homem	23/324	7%	.38	55/279	20%	

Gênero, das quatro variáveis atuantes em 70, foi a que se mostrou mais relevante, o que demonstra que as mulheres tendem mais ao cancelamento (p. r. .69) do que os homens, o que não ocorre na década de 1990, em que os índices referentes à fala masculina (20%) são bem próximos à da feminina (23%)

Quanto à *faixa etária*, na década de 1970, são os mais jovens que implementam o processo (p. r. .63), enquanto, na de 90, o cancelamento já atingiu também a fala da faixa média.

Tabela 2 Atuação da variável *Faixa etária* para o cancelamento de <e> no PE 1970 e 1990.

FAIXA ETÁRIA	DÉCADA 1970				DÉCADA 1990		
	OCO.	%	P. R.		OCO.	%	P. R.
Faixa 1	27/160	17%	.63	Faixas 1 & 2	79/351	23%	
Faixas 2 & 3	42/370	11%	.44	Faixa 3	42/216	19%	

4.2.2 A vogal <o>

A) No corpus 1970

O cancelamento de <o> mostrou-se menos produtivo que o de <e>. Na década de 1970, quatro grupos de fatores destacaram-se: três de natureza linguística e um de natureza social.

Quadro 7 Índices relativos ao cancelamento de <o> no *corpus* de PE da década de 1970.

CANCELAMENTO DA VOGAL POSTERIOR / PE 1970					
GRUPOS SELECIONADOS	ORDEM DE SELEÇÃO	OCORRÊNCIAS		INPUT	SIGNIFIC.
		NÚMERO	%		
Gênero	1°	40/406	10%	.10	.018
Estrutura da sílaba em que ocorre <o>	2°				
Classe de palavras	3°				
Contexto subsequente	4°				

B) No corpus 1990

Em 1990, a frequência manteve-se praticamente a mesma, 9%, sendo escolhidas pelo programa apenas duas variáveis de natureza linguística: *contexto antecedente* e *classe de palavras*.

Quadro 8 Índices relativos ao cancelamento de <o> no *corpus* de PE da década de 1990.

CANCELAMENTO DA VOGAL POSTERIOR / PE 1990					
GRUPOS SELECIONADOS	ORDEM DE SELEÇÃO	OCORRÊNCIAS		INPUT	SIGNIFIC.
		NÚMERO	%		
Contexto antecedente	1º	31/364	9%	.08	.001
Classe de palavras	2º				

Sílabas travadas por consoante líquida (*portanto*) e sílabas com consoante líquida em ataque complexo (*professor*) destacaram-se para a aplicação da regra. Em *contexto subequente*, as consoantes labiais [f, m], alveolares [s, z, l] e velares [k, g] foram as que se mostraram mais atuantes. Em *contexto antecedente*, as labiais [p, b] e as alveolares [r] foram as de maior destaque. Os nomes e verbos foram as classes gramaticais de maior incidência para o cancelamento de <o>.

A observação da variável *gênero* em conjunto com *faixa etária* pode mostrar em maior detalhe como atua a variável selecionada. Na década de 1970, maior difusão do fenômeno na fala dos indivíduos mais jovens, entre eles sobressaindo os homens, de qualquer faixa etária. Em 70, as mulheres mais idosas apresentam tão poucos casos de cancelamento que o programa lhes atribuiu 0% de percentual. Já nos anos de 1990, o fenômeno atua de forma mais distribuída entre as faixas, ficando os mais idosos – homens e mulheres – com 6%.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da análise variacionista demonstraram que, no PB, o processo de alteamento parece estar em regressão, sendo significativa a atuação da harmonização vocálica. Já no PE, o cancelamento revelou ser um processo em expansão no âmbito de <e>; entretanto, no que concerne a <o>, manteve-se, em 1990, nos mesmos patamares da década de 1970.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

MATEUS, Maria Helena Mira; Andrade, Ernesto d'. *The phonology of portuguese*. Oxford: University Press, 2000.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes [Trad. Celso Cunha], 1997.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].